

Políticas Públicas, Gênero e Trabalho

II Seminário Nacional de Trabalho e Gênero

Grupo temático: Memória e Narrativas de Trabalho e Gênero.

Instrumentos de Trabalho e Memória em São João d'Aliança

Verônica Lima da Fonseca Almeida¹

Leila Chalub Martins²

¹ Pedagoga pela UEPB, Especialista em Educação e Gestão Ambiental pela UNIVERSO, Mestranda em Educação e Gestão Ambiental pela UnB. veronicalfa@gmail.com

² Pedagoga, Mestre em Antropologia Social pela UnB, Doutora em Ciências Sociais – Antropologia pela UNICAMP, Professora da Faculdade de Educação e do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília. chalub@terra.com.br

Resumo

O presente estudo é resultado de pesquisa de campo na comunidade de São João D'Aliança – GO e procura refletir sobre as relações de gênero, a partir de um olhar que enfatiza a dimensão feminina e masculina, ou seja, as relações vivenciadas no interior da família em uma comunidade camponesa tradicional. Neste sentido, a memória de homens e mulheres com idades entre 30 e 92 anos é o caminho utilizado para compreender este modo de vida. Os resultados mostraram que a divisão do trabalho entre o masculino e o feminino se dá por uma relação de complementariedade, afirmando-se enquanto necessidade fundamental na sobrevivência dos grupos sociais. Esta divisão do trabalho é evidenciada no discurso da comunidade, onde os instrumentos de trabalho terminam por refletir o modo de organização social que tem conduzido a vida local. Este modo de vida é impactado a partir de um processo de perda da terra para grileiros e para a agricultura mecanizada. Na atualidade, a comunidade vivencia uma crise de identidade percebendo-se muito mais pobre e esquecida.

Palavras-chave: Relação de Gênero, Trabalho, Mudança.

Introdução

Este trabalho pretende refletir sobre as relações de gênero no interior das famílias configuradas pela memória do modo de vida rural da comunidade de São João D'Aliança – GO. Neste sentido, busca-se apresentar, a partir do processo histórico, o modo de vida tradicional, onde a agricultura de subsistência tem sido a fonte de sobrevivência da comunidade. Pretende também situar-se a região pesquisada explicitando os aspectos geográficos, histórico, econômico, social e cultural.

O ponto de partida é levantar o contexto de apropriação e pertencimento das terras da comunidade que comporta três realidades sociais diferentes: *a fazenda, a terra de posse e a pequena propriedade*. A fazenda é vislumbrada como modelo ideal, sendo almejada pelos grupos da *terra de posse e da pequena propriedade*. Nestas realidades verificou-se que as relações entre homens e mulheres, a partir da ótica do trabalho, se dão com divisão de papéis sociais e que a produção de cada grupo social é que garante a sobrevivência das famílias.

As diferenças nos papéis sociais são registradas pela memória, onde os instrumentos de trabalho são apontados como fonte de um processo de reconstrução de uma vida de muito trabalho. Assim, as lembranças mostram a divisão de papéis sociais e as atividades da mulher e do homem, sendo associadas a uma relação de complementaridade na organização do modo de vida rural. Certos instrumentos de trabalho lembram a força e o esforço físico, enquanto outros o prazer e a emoção. Conforme Maurice Halbwachs (2006) cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Assim Leila Chalub Martins (2005b) em um texto sobre as histórias da vida no cerrado diz que é preciso parar e refletir, com a sabedoria dos mais velhos.

As transformações ocorridas em decorrência da perda de terras para grileiros e para o desenvolvimento regional, com a implantação da agricultura mecanizada, trouxeram mudanças significativas e impactaram negativamente a vida da comunidade, já que esta foi excluída do tão sonhado progresso na região. Neste sentido pretende-se mostrar a situação de São João D'Aliança, configurando as mudanças nos papéis sociais no atual contexto da comunidade, onde se verificou que a realidade dos grupos sociais mudou, assim como a situação de homens e mulheres dentro do seu grupo familiar também tem mudado.

Este trabalho foi resultado de uma parceria entre as autoras: a professora Leila Chalub, então coordenadora do Projeto Mulheres das Águas e Verônica Almeida, com participação voluntária no mesmo.³ As visitas à comunidade de São João D'Aliança e participação nas reuniões do projeto foram elementos importantes para a configuração da pesquisa. As entrevistas e observações do modo de vida local foram delineando a etnografia de uma comunidade tradicional que passou de um contexto eminentemente rural para um urbano na atualidade devido às impactantes transformações sócio-ambientais.

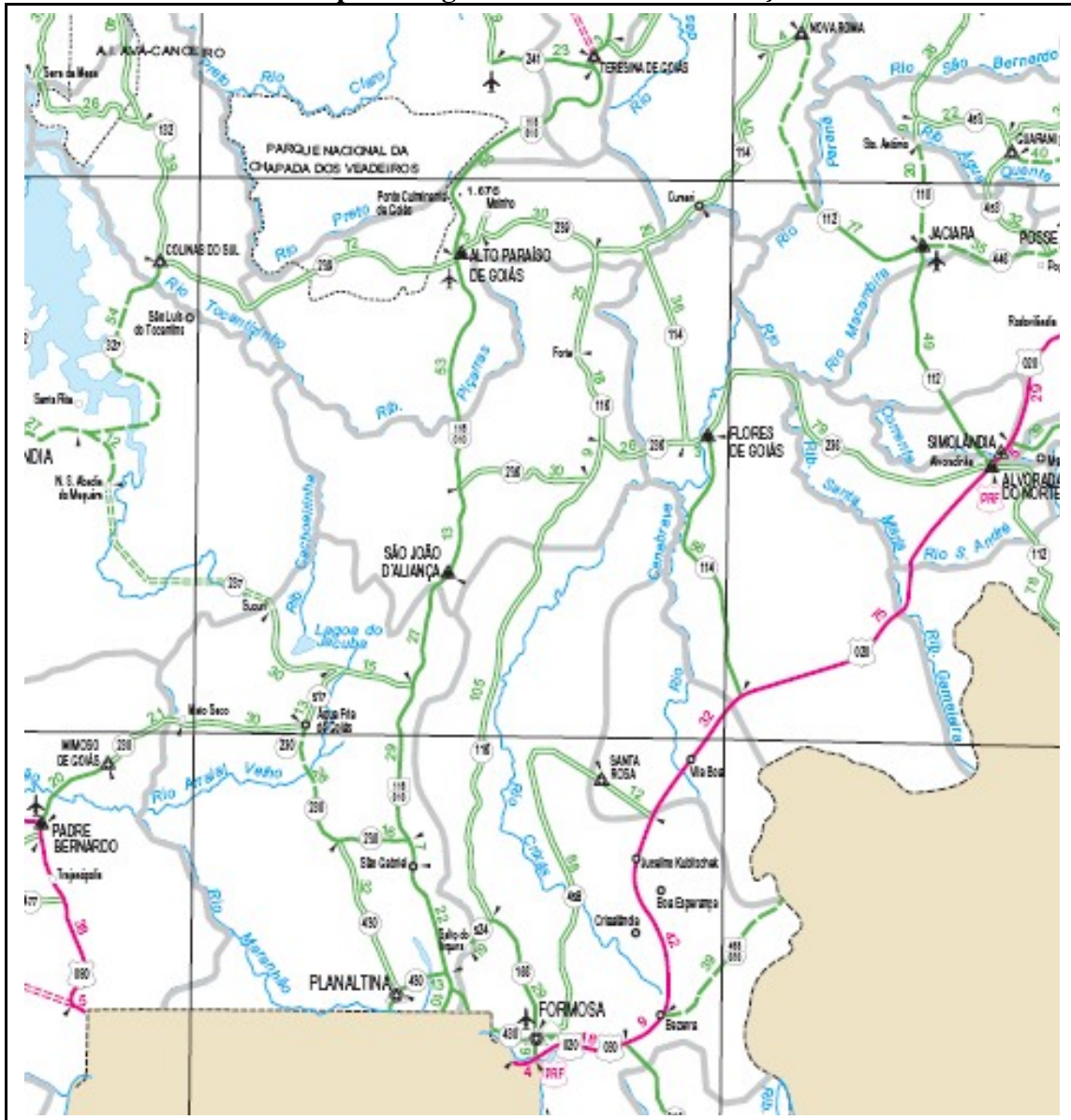
Os resultados mostram que os problemas originados pela perda de território e degradação ambiental, decorrentes da ação violenta de grileiros e do desenvolvimento regional da agricultura mecanizada, levaram homens e mulheres a se sentirem mais pobres e decadentes.

³ Esta participação voluntária possibilitou a realização de uma pesquisa de campo com vistas à produção monográfica, realizada em 2007, que se pretende dar continuidade em 2008/2009.

A memória da vida rural em SJA: os grupos sociais e suas praticas de produção

São João D'Aliança fica localizado no nordeste do Estado de Goiás, possuindo uma área de 3.339,5 km, fazendo divisa com os municípios de Alto paraíso, Nova Roma, Água Fria, Planaltina de Goiás, Formosa, Niquelândia e Flores de Goiás. Fica a 160 km de Brasília e a 394 km da capital Goiânia.

Mapa da região de São João D'Aliança



Fonte: Mapa rodoviário Goiás. DNIT-2002

De acordo com o Censo (IBGE, 2000) a população de São João d'Aliança é de 6.736 habitantes, sendo 3.561 homens e 3.175 mulheres, destes residem 4.188 na área urbana e 2.158 na área rural. Atualmente há uma deficiência e falta de assistência no atendimento

adequado a população quanto ao sistema educacional, a saúde, a moradia, ao emprego e as condições básicas como rede de esgoto, água encanada entre outros. Em função desta deficiência no sistema público local a população tem buscado em outros municípios vizinhos e no Distrito Federal atendimento médico, emprego, escola, etc.

A memória local tem sido levantada no intuito de entender o modo de vida local, assim para Chalub-Martins (2002) o contato com a riqueza do imaginário social da região, aguçado pela vivência do seu mundo simbólico, muito explícito nas danças, nas festas e comemorações, principalmente religiosas, evidencia aspectos culturais marcantes desta comunidade.



Foto do acervo familiar de Fadinha Fernandes.

Esta imagem da comunidade leva-nos a pensá-la em uma imagem envelhecida, algo do passado, mas ela trás diversos aspectos do lugar ocupado por este grupo. A imagem mostra que o local recebeu a marca do grupo e o grupo do lugar, logo pode-se visualizar que além das suas vestimentas, do modelo de cabelo e a expressão física e social, observa-se que este lugar era um espaço religioso. Assim todas as ações de um grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado e cada aspecto e detalhe deste lugar tem um sentido para este grupo que ocupou. Deste modo uma pessoa que viveu este momento pode trazer pela memória histórias, informações e significados só vividos por ele.

Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável (Halbwachs, 2006: 160).

A história deste município mostra que ele já teve uma concentração maior na zona rural, constituindo-se como uma comunidade tradicional com práticas de produção agrícola e

de pecuária. Esta forma de organização local está relacionada com a história de Goiás com a exploração do ouro, a presença de escravos para trabalhar nos garimpos, a instalação de fazendas na região com atividade agrícola e pecuária. São João d'Aliança se origina no século XIX, com o povoado de trabalhadores da *fazenda Olhos D'Água*, no antigo município do *Forte*. A realidade da *fazenda*, portanto, está na sua origem. Mais tarde, os trabalhadores de fazendas e outros que não possuíam terras se apropriaram de terras devolutas identificadas como *terras de posse*. Em 1913 São João d'Aliança torna-se vila, 1931 passa a ser município, sendo que em 1939 o município foi extinto passando a condição de distrito pertencente a Formosa e só retornando a ser município em 1954. Em 1925/26, quando São João d'Aliança ainda era vila, a Coluna Prestes⁴ passou na Serra do Paranã indo nas fazendas e impondo seu poder sobre os moradores da região. Os membros da coluna foram identificados pela memória local como "*Os Revoltosos e Comunistas*", por que invadiam e se apossavam das casas e dos bens da população local.

Segundo um informante de 90 anos.

Eu me lembro dos revoltosos, eu tava acho que entre 8 a 12 anos, eles vieram duas vezes entre 1926 e 1935.⁵ Os revoltosos era gente muito ruim, eles eram um tipo de comunista porque invadia as fazendas e a casa de qualquer um. Eles faziam o que queriam e quem achasse ruim, eles batiam e maltratava muito. Os revoltosos comiam a nossa comida, matava os bicho, pegava as mulheres, tinham a natureza ruim, zangados. Papai dizia que gente não tinha o que fazer, por que a gente tava isolado, e sem socorro. Muita gente abandonou suas terras ou vendeu barato, por que se desesperou e foi embora.

Neste caso a memória local se refere a este fato com um acontecimento marcante e mesmo quem não presenciou a passagem da Coluna Prestes na época, conta o fato como uma projeção própria. Esta identificação é, segundo Michel Pollak (1992), um tipo de memória herdada onde um acontecimento foi transmitido por diversas pessoas ao longo do tempo e tornou-se um marco na memória local.

Neste processo, tanto de presença da Coluna Prestes como do domínio de Formosa sobre São João d'Aliança, muita gente foi levada a abandonar suas terras e ir embora para outros lugares. Neste período, entre 1940 a 1965, pequenos lotes de terras eram vendidos ou doados, formando assim a realidade da *pequena propriedade*.

Em 1960, inicia-se um processo de perda de terras na região, onde os grileiros agiam com pressão para tomar as terras de proprietários da *fazenda*, da *terra de posse* e da *pequena propriedade*. Essa situação forçou alguns grupos familiares a tentar sobreviver com parentes em pequenos lotes na parte urbanizada, enquanto outros fugiram para outros municípios.

Em 1980, o município é servido por rodovias, instalação de energia elétrica e rede telefônica. Mas, é marca também do desenvolvimento regional e da implantação da agricultura mecanizada o agravamento de problemas socioambientais degradantes, interferindo significativamente no modo de vida local. A partir daí houve uma série de mudanças nas formas de organização social dos grupos familiares e atualmente a comunidade está vivendo em um

⁴ A Coluna Prestes foi um movimento militar com grande marcha entre os anos de 1925 a 1927. Um movimento armado que visava desenvolver um conjunto de reformas institucionais, percorrendo 13 estados brasileiros. Segundo dados da Fundação Getulio Vargas, a Coluna Prestes passou duas vezes em Goiás, em julho de 1925 e setembro de 1926.

⁵ Temos aqui duas possibilidades. Ou ele se enganou na data de 1935, ou temos um fenômeno conhecido como sobreposição de memória. Neste ano ocorreu o movimento comunista liderado por Prestes conhecido por Intentona Comunista em que ocorreram levantes militares nas cidades de Natal, Recife e Rio de Janeiro.

espaço muito reduzido na cidade, mas tenta manter seu modo de vida rural. Estas diferentes formas de organização dos grupos familiares são evidenciadas aqui através do trabalho, atividades estas, que marcam o dia-a-dia de homens e mulheres neste município.

Para se compreender esse processo de transformação, é preciso retomar que a comunidade tradicional de São João d'Aliança até os anos 80, era composta por três realidades rurais: a fazenda, a posse e a pequena propriedade e essas realidades são reconstruídas pela memória local.

De acordo com Halbwachs,

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria dos eventos e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram mais freqüentemente em contato com ele (Halbwachs, 2006: 51).

A fazenda tem origem, em geral, de terra de herança ou lotes comprados na região. As terras de heranças vêm do sistema sesmaria⁶ com produção agrícola e com a criação de gado. Em São João D'Aliança, o sistema sesmarias não prosperou, mesmo tendo sido a primeira forma de organização social e produção rural na região. Segundo a memória local, isto aconteceu por que os lotes destas terras sesmarias foram divididos entre herdeiros e vendidos. Assim, as fazendas que estabeleceram raízes na identidade local são identificadas pela comunidade como fazendas compradas e com pequenas extensões com uma agricultura de subsistência com criação de gado. Para a memória local esta realidade representava muita terra e muita produção, logo o grupo social que ocupa a fazenda era considerado *forte*.

Um informante lembra que quando trabalhou nas fazendas da região nos anos 70 tinha muita fartura:

A fazenda era o lugar de muita fartura de tudo, pois nela agente fazia e produzia de tudo. Tinha muita terra e peão pra tocar a roça e o gado. E dentro de casa tinha muitas mulheres fazendo comida, doces, queijos, café, sabão e tudo que desse.

Na fazenda o homem é considerado o principal produtor de alimentos, o trabalho com o gado e a lavoura. Enquanto a mulher zela o lar onde costurava, cozinhava e cuidava dos filhos, atividades consideradas ideais para o papel exercido pela mulher. Assim o homem ocupa o *espaço de fora*, a terra, e a mulher o *espaço de dentro*, a casa, desta forma cada um assumia um papel social na fazenda em espaços diferentes.

A realidade da vida na terra de posse é constituída pela presença em sua maioria de ex-trabalhadores de fazendas, escravos fugidos e ex- trabalhadores de minérios. Estes se reuniam em grupos e procuravam terras devolutas chamadas por eles de *terras do governo*. Segundo a informante, essa terra não tinha uma história de produção ou pertencimento de outros grupos. A *terra de posse* ficava em lugares de difícil acesso e nunca foram ocupadas, pois era uma área de mata virgem. Ali esse grupo demarcava a área da posse e em seguida levavam as

⁶ As Sesmarias colônias são assentamentos da história fundiária do Brasil. A instituição de dar, dividir terras tem origem na Roma clássica e passou a Lusitânia, onde, em 1375, no cenário de Portugal arrasado pelas guerras, com a fome instalada e os campos incultos, houve por bem o rei D. Fernando criar uma legislação de doação de terras para os súditos camponeses (Bertran, 1998: 85). A ocupação do cerrado goiano no período colonial pela exploração de minérios levou o governo a implantar do sistema sesmaria sendo as terras distribuídas por igrejas, mas controlada pelo governo paulista.

mulheres e filhos constituindo assim sua vida com muito trabalho. Uma lavradora de 90 anos conta que cresceu, casou e ficou viúva na terra de posse:

A terra era comum, todo mundo cultivava sua criação junto. Cercava o lugar de plantar, queimava para tirar os restos de mato e a gente separa restos de raízes, pedras, tocos de árvores, pois a área era muito ruim, tinha serra e pedra. A gente trabalhava muito na roça, plantava feijão, milho, arroz, mandioca e abobora, era muito trabalho, todos iam pra roça, mulher, homem e filhos. Todo serviço era comum, igual á terra.

Este grupo social é considerado como *grupo fraco*, já que ocupam terras devolutas, ou seja, não eram donos de suas terras. Além disso, este grupo tinha pouco recurso e por isto toda a família tem que ir trabalhar na roça ajudar na produção e sustento familiar. Neste sentido o homem e a mulher partilhavam o espaço da roça, sendo que o homem é que determinava as atividades da mulher. Desta forma a mulher trabalha na roça, em casa, com os filhos e ainda tem que produzir tudo desde sabão, pilar arroz e café, e ainda fazer a roupa de toda a família. Assim o *espaço de fora*, terra e o gado, são dominados pelo homem, embora a mulher e os filhos o ajudem. Enquanto o *espaço de dentro*, a casa, é da mulher. Aqui a mulher trabalhava *dentro e fora de casa*.

Já o pequeno proprietário surge num período em que houve doação de lotes e venda de pequenos pedaços de terras no município. É por volta de 1940 a 1965 que alguns proprietários de terras na região doaram ou venderam pequenos lotes para pessoas que vinham de fora ou para parentes que casavam. O senhor Teotônio Fernandes Graças (já falecido) foi um dos que fez muitas doações de terras. Segundo sua Esposa Dona Fadinha Fernandes, esta foi uma forma usada para povoar a região que ainda era muito isolada, surgindo assim o *pequeno proprietário* com pouca terra. Este grupo tem pouca terra, e por isto o homem geralmente trabalhava nas terras dos outros tocando gado e roça para sustentar sua família. Enquanto o espaço de sua terra é assumido pela mulher e os filhos na roça de quintal, onde era o lugar de plantar e criar bichos de pequeno porte. Assim a pequena propriedade é vista como *grupo social muito fraco* com um espaço da produção familiar bastante reduzido, no fundo de quintal, e na maioria das vezes este grupo pedia terras emprestadas para plantar, pois suas terras eram insuficientes para garantir o sustento da família.

Uma lavradora de cerca de 80 anos relembra o que viveu:

Agente era muito pobre, pobre, muito, muito e a terra era pouca. O meu marido trabalhava de peão nas roças dos outros. Eu e meus filhos é que tocava todo trabalho aqui no quintal, eu fazia de tudo para ajudar a dar conta de toda meninada. Eu até fazia doce e costurava pra fora para ver se melhorava, mas o marido não gostava, ficava zangado.

Deste modo o homem ocupava o *espaço de fora*, em fazenda de outros, e a mulher com os filhos ocupava *espaço de dentro*, a casa/quintal. Assim percebeu-se que quanto mais terras e mais produção o grupo possui, mas ele é considerado socialmente com mais força, e quanto menos ele produz em seu espaço mais fraco este se torna.

Nesta relação entre o espaço de dentro e de fora, verificou-se que os produtos da roça eram levados pelo homem para a casa para ser transformados pela mulher em alimentos para família. Desta forma, percebe-se que há uma interdependência entre os espaços sociais da casa, da roça e da criação de gado.

Esta interdependência entre estes espaços é levantada por Woortmann & Woortmann (1997). O que mostra uma relação entre os espaços que se dá por uma relação de

complementariedade social pelo trabalho, onde a ligação casa, roça e gado são de constante conservação, produção e transformação. Na casa habita a força e o saber do homem como governador da produção com sua família, logo ela é o habitat do grupo social liderado pelo homem.

Este modelo de vida na fazenda é seguido pelos demais grupos da terra de posse e do pequeno proprietário, embora haja algumas diferenças próprias. Assim o universo do trabalho da mulher e do homem se dava com a divisão de espaço, papéis e instrumentos de trabalho, embora nem todos os grupos conseguissem viver o modelo ideal, ele estava presente no cotidiano da família.

Para Sherry B. Ortner o que o sistema constitui como o ser mulher ou homem, é uma construção da cultura ao invés de um fato da natureza. “A mulher não está “na realidade” mais próxima (ou mais distantes da) natureza do que o homem, ambos tem consciência e ambos são mortais” (1979: 118).

Assim ao vermos que esta ocupação de papéis e espaço vem sendo configurados pelos grupos sociais e pelos seus antepassados, percebe-se que a repetição destes papéis propicia um sistema eficiente no modo de vida local.

Os instrumentos de trabalho na memória de homens e mulheres de SJA

A memória do trabalho é acionada pela percepção do lavrador e da lavradora através dos instrumentos que foram utilizados com maior intensidade na vida desta comunidade rural. Para Maurice Halbwachs (2006), o nosso ambiente material traz ao mesmo tempo a nossa marca e a dos outros, logo a nossa casa, os nossos móveis e a maneira como são arrumados, todo arranjo das peças em que vivemos nos lembram nossa família e os amigos que vemos com frequência nesse contexto.

Assim os instrumentos de trabalho fazem a ligação entre o vivido, os sentimentos e a ação de homens e mulheres como sujeitos de uma prática de agricultura de subsistência que já fora marcante nesta comunidade.



Fotografo Guilherme Alves Barbosa, do acervo pessoal e do Projeto Mulheres das Águas.

Um lavrador de 62 anos descreve a importância da roça na sua vida, a partir dos

instrumentos de trabalho usados na região. Este lavrador contou que aprendeu a profissão com seu pai que sempre foi lavrador, trabalhando *nas terras dos outros*. Segundo a sua memória, na região nunca faltou trabalho e nem comida naquela época. Ao lembrar esse fato, fez questão de buscar os seus instrumentos de trabalho na roça: a foice, o machado, o cavacador e a enxada.

Em seguida ele descreve como fazia para plantar na roça:

Em 1970 não faltava trabalho, as fazendas era comum, mas o gado era criado a solta, pois as fazendas não eram cercadas, as fazendas era comum, só em 1990 é que começou mesmo o cercamento, aí que a gente viu que tudo mudou. Aí então quando nós ia mexer com a roça, agente primeiro via a área da roça e usava a FOICE para roçar o mato né. É tantos alqueires, agente ai lá medir e roçava aquela matona. Depois usava o MACHADO pra derrubar os paus, nós derrubava tudo, cortava as galhas, garancho e deixava secar. Aí quando a área tava seca botava fogo e vinha de novo com o MACHADO. Tornava a picar a madeira e aí nós fazia a cerca, porque tinha muito gado criado a solta. Depois que botava fogo nós estacava e cortava a madeira para, aí vinha com o CAVACADOR fazia buraco para fincar os paus em volta da área para a roça. Para plantar usava a ENXADA, nós faz um buraco de 10 centímetros para por a semente. Hoje tocam a lavoura com maquinas, com a tal da plantadeira e colhedeira. A plantadeira planta e a colhedeira colhe. Agente trabalhava muito e mulher só levava a comida pro trabalhador na roça, ela ficava em casa. O trabalho dela era zelar da casa.

Todo este trabalho na roça é lembrado com algo que exige força física e um saber para utilizar os instrumentos na sua relação com a terra. Para Halbwachs (op.cit) as formas dos objetos que nos rodeiam tem significados, pois eles não estão em nossa volta, como uma sociedade muda e imóvel.

A narrativa do lavrador mostrou o levantamento da memória histórica em que ele situa o tempo vivido com um trabalho de agricultura tradicional marcante na década de 70. E em seguida os instrumentos desse trabalho são apresentados a partir de descrições minuciosas de seu uso e a sua finalidade na prática do plantio. Assim também o peão tinha que saber *tocar o gado*: tinha de andar com o gado na região; era um trabalho muito perigoso, pois lidava com animais difíceis de domar. Quem assumia mexer com gado era iniciado desde cedo pelo pai. Os filhos passavam a acompanhar o pai quando estavam na adolescência para se acostumar com o serviço de ser peão. Nem todo homem trabalhava com o gado, pois só os fazendeiros é que possuíam uma quantidade considerável para ter trabalhador para isso.

Já os demais grupos tinham pouco gado que era mais para o sustento da família, sendo o homem que assumia a atividade. Mesmo *na terra de posse* a mulher não assumia essa tarefa, só se o seu grupo familiar perdesse a figura masculina e não houvesse parente masculino para assumir a função.

Na pequena propriedade, o grupo, com pouco recurso, quase não tinha gado e quando tinha era um parente masculino ou a mulher com os filhos homens que cuidavam, havia mais bichos, como porcos.

O trabalho da mulher foi também lembrado como aquele que exigia esforço físico e saber, sendo os instrumentos de trabalho mais lembrados: o pilão, a enxada e a roda. Em toda a casa havia um pilão e quem não o tinha pedia emprestado ou fazia essa atividade com um parente que possuísse o instrumento.

As mulheres tinham de aprender desde cedo a lidar com o PILÃO, tirando casca de arroz, pisando o café e até mamona, para fazer sabão.

Uma senhora de 62 anos lembra que:

Naquele tempo o arroz era socado duas vezes no PILÃO. Pilava uma parte e colocava na peneira para separar o arroz da casca. Depois tornava a pilar. Era muito trabalho as mulheres da casa todas ajudavam. E quando ia fazer café, era muito trabalho, a gente colhia o café, botava para secar, tirava os grãos torrava e pilava. A casa ficava a semana toda com o cheiro do café. O serviço de fazer sabão era também das mulheres, quando um porco ficava doente, era morto, aí os homens tirava o toucinho e com esta gordura a gente fazia o sabão. A gente colhia a mamona e pilava, botava numa bacia com a gordura, batia com um pau até dá o ponto de engrossar, cortar e usar. Era muito trabalho, não tinha nada pronto tudo a gente fazia e tirava aqui na mata e no quintal.

Mas o esforço físico também fazia parte do trabalho de muitas mulheres, principalmente das que viviam na terra de posse e na pequena propriedade, pois as mulheres tinham de ir à roça e trabalhar com a enxada, um trabalho duro, e quando essas saíam da roça, tinham ainda de fazer suas atividades em casa: cuidar dos filhos e do marido. Era muito cansativo. Além disto, as roupas e lençóis da casa eram tecidos pelas mulheres, que colhiam algodão para fazê-los na RODA. Por outro lado, na fazenda, as mulheres tinham máquina de costura e ajudantes e faziam as roupas com os tecidos trazidos pelo marido de Formosa.

Uma mulher de aproximadamente 82 anos lembra a sua vida na posse:

Muitas vezes eu trabalhava na RODA com uma diversão, uma atividade fora da plantação, eu ficava tão feliz que não via a hora de ter algodão para trabalhar de novo na roda. A RODA e o TEAR é parte de mim e quando eu não tenho uma linha para costurar, me dá um sentimento, um aperto no peito. Quando não costuro fico com um sentimento muito triste. Eu tenho sentimento pela RODA.

Assim, o instrumento da confecção de tecido, era muito significativo para essa lavradora, pois por meio da RODA ela conseguia se divertir e pensar em si, sonhar e até sair do seu universo cansativo que a roça representava para ela. Conforme Halbwachs (op cit.) não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Por isso a RODA era para ela um momento de divertimento que existia no espaço da vida na *terra de posse*.

Já a costura é lembrada pela mulher que viveu na fazenda como algo que exigia não a força, mas a beleza e a perfeição do trabalho com o tecido. Durante a pesquisa de campo observou-se que na maioria das residências visitadas havia na sala máquinas de costura ou novelos de linhas que estavam para serem manuseados ou estavam ao fim de mais uma colcha ou outros.

Uma senhora de 58 anos lembra-se de sua vida na fazenda:

Agente vivia costurando, vestindo toda família. Agente costurava e bordava tudo, tinha que ser perfeito senão tinha que fazer de novo. Os homens quando iam a Formosa compravam aquele monte de tecidos para a gente costurar. A mulher que não soubesse costurar era uma mulher à-toa, que não servia para casar. (...) As roupas que a gente bordava nem as máquinas borda hoje.

Mas, a realidade destes grupos sociais vai se modificando em consequência da perda de terra para grileiros e do processo de desenvolvimento regional com a agricultura mecanizada implantada na região. Dessa forma, a agricultura tradicional vem sendo substituída pela agricultura moderna, com o agronegócio. Todo esse processo trouxe transformações que afetaram a vida da comunidade de São João d' Aliança e acarretaram

problemas socioambientais.

Os impactos sócio-ambientais e as mudanças nos papéis sociais na comunidade

Na agricultura tradicional, os lavradores utilizam plenamente a sua força de trabalho e costumam desenvolver diferentes culturas de plantio, guiados por um conhecimento local que é repassado de geração a geração. As mudanças ocorridas no município afetaram o modo de produção da agricultura tradicional que mantinha a sobrevivência de toda a comunidade local.

A história da produção agrícola da região inclui alguns fracassos ainda muito marcantes para a população local, como a iniciativa de favorecer o desenvolvimento regional com a cessão de terras a cerca de 30 empresários oriundos do sul do país, na década de 80 (Chalub-Martins, 2005a: 2).

A implantação da agricultura mecanizada influenciou marcadamente o processo de perda de território. Os lavradores quando não foram expulsos venderam suas terras acreditando que o progresso traria benefícios e novas possibilidades de sobrevivência local.

Até os anos 1970, a monocultura de soja concentrava-se nos estados do Sul (Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina) expandindo-se após esse período para as demais regiões do país. Atualmente o espaço brasileiro de maior difusão do agronegócio é o cerrado.

O Ministério da agricultura, Pecuária e Abastecimento indica o agronegócio como a principal locomotiva da economia brasileira. A soja, destaque maior do agronegócio, teve no período de 2002/2003 uma safra de 52 milhões de toneladas com área plantada de 18,4 milhões de hectares (Suertegaray, 2004: 51).

Assim as mudanças radicais nas técnicas de cultivo e no modo de vida da população foram impactando as relações sociais e ambientais no município. A comunidade tradicional local tem percebido no atual modelo de desenvolvimento regional um impacto muito negativo no seu modo de vida. Quatro fatores se destacam como marcadamente negativos para a comunidade: a perda do espaço de produção, a exclusão social pelo desemprego e os impactos ambientais e as mudanças nas relações de gênero no interior da família.

A perda do espaço de produção dos grupos de famílias foi o fator mais problemático já que sempre viveram do que produziam em seu território. Além da perda da terra que já vinha acontecendo desde 1960 com a ação de grileiros e se intensificou neste período da monocultura, esses lavradores não conseguiram ser inseridos com empregos nas novas formas de produção local. A escassez do emprego é um problema vivido por muitos na região.

Muitos lavradores não conseguem trabalhar nas fazendas que são mecanizadas, alegam que em grande parte os postos de trabalho são ocupados por sulistas. Constantemente há conflitos entre moradores locais e sulistas. É comum os sulistas chamarem os goianos de preguiçosos por não trabalharem.

Um lavrador de 61 anos relata:

Somos olhados pelos sulistas, dentro de sua D-20 com desprezo. Já teve muita briga aqui, até de facão. Muitos não agüentam ouvir o que eles falam, como se todos fossem

atrasados, preguiçosos e incapazes.

A exclusão da comunidade local no processo de desenvolvimento regional é bastante nítida, muitos se sentem incapazes de alcançar ou participar do progresso. Para Boaventura Souza e Santos (2001) este modelo de desenvolvimento neoliberal prioriza o lucro pelo crescimento econômico com intervenção mínima do Estado. Para Santos, a justiça social e ambiental parecem ser objetivos cada vez mais distantes.

Além disso, os impactos ambientais são muitos e entre eles se destacam o uso maciço de agrotóxico e fertilizante, próprio da produção da agricultura moderna que trouxe uma série de problemas de saúde como intoxicação de homens e até crianças que trabalhavam nestas fazendas. Pequenos proprietários se sentiram seduzidos por esses produtos e também foram vítimas dos problemas adversos e perigos da tecnologia química. Outra consequência do uso do agrotóxico na região foi a invasão de pragas nas plantações da comunidade. Não se consegue prosperar no trabalho na roça ou no quintal, porque as pragas atacam tudo que plantam. Isto é resultado de desequilíbrio ou como disse uma lavradora "é o rebuliço na terra". Os informantes lembram que na agricultura tradicional, quando necessário, utilizavam o pesticida natural como: matéria orgânica (estrumes, palha de milho e Bagé de feijão), arnica e fumo.

Segundo Marc Dufumier (2007) "antes da Revolução Verde, a seleção genética era feita pelos próprios produtores. Assim a variedade de plantio que Marc Dufumier também levanta como característica da agricultura tradicional é prejudicada com a monocultura que utiliza imensos espaços plantando uma única cultura. A comunidade sente isto como problema: não se encontra uma variedade de cultura de feijão, arroz, milho e etc., tendo que comprar do mercado um tipo de cultura de baixa qualidade da que antes era produzida por eles. A redução da produção de cultura alimentar indispensável para sobrevivência é cada vez mais marcante e um problema para a comunidade. Esta comunidade alega que hoje quem tem a terra não está querendo mais plantar comida, ou como disse uma lavradora, não querem mais produzir cesta básica, "plantam para produzir óleo e gasolina e não para alimento para o cidadão".

Estes conflitos socioambientais permanecem presente na vida da comunidade que se sente muito excluída do progresso na região. Atualmente poucos lavradores conseguem trabalho permanente; ficam a espera de empregos temporários na região, onde fazem o que a máquina não dá conta de fazer: arrancar raiz, pegar sobras de milho e soja, colher feijão, cortar toco de arvores e etc. Estes serviços são muito disputados por trabalhadores de toda a região do nordeste goiano.

Assim as mudanças que aconteceram ao longo do tempo, afetaram os espaços e os papéis de gênero. Atualmente a organização da fazenda na região, é configurada por dois modelos: a fazenda tradicional que ainda trabalha com a produção de subsistência e criação extensiva de gado, e as fazendas modernas que investem na criação extensiva de gado ou na monocultura de soja.

A *fazenda tradicional* tem sido administrada pelo homem e os empregados, enquanto a mulher e os filhos moram na cidade. Embora o homem mantenha seu papel de produtor na fazenda, a mulher tem permanecido na cidade acompanhando a vida dos filhos, fazendo serviços extras para complementar a renda da família. A mulher, costura, faz e vende sabão, queijo, biscoitos, café e etc. Mesmo a mulher que ainda mora na fazenda não tem ocupado seu lugar tradicional. Muitas têm saído para trabalhar e estudar fora. A produção da fazenda visa complementar o consumo familiar e a venda excedente na feira municipal.

Já a *fazenda moderna* geralmente é administrada por funcionários enquanto os proprietários moram em outros estados ou municípios com a família, a mulher e os filhos que

trabalham e estudam num lugar mais urbanizado. A produção de grãos é que tem predominado na fazenda moderna. Estas são normalmente administradas por funcionários sulistas mantendo uso intenso de máquinas na região. Há uma valorização do saber especializado da produção moderna, o uso tecnológico com uso de máquinas nas lavouras tem predominado na região, passando a substituir o trabalho de muitos lavradores do município.

Um lavrador de 78 anos relata:

Antigamente eu trabalhava muito, não faltava trabalho na roça. Eu me alembro que em 1973 eu andava em toda a região do Paraná, terminava uma empreita já tinha outra, e outra, e outra. Precisão todo mundo tinha e trabalho não faltava. Eu trabalhava muito com meus instrumentos e com gado. Não era só eu, era muita gente que vivia assim da roça e do gado.

Assim toda a produção de grãos vai para a cooperativa em que a fazenda é associada, e de lá tem outros destinos como a exportação.

Por outro lado quando vamos para a realidade *da terra de posse*, percebe-se que poucos conseguiram sobreviver ao processo de expulsão das terras, procuram manter a organização de antes. Porém as mudanças nesta realidade da posse estão se dando pela escassez da força de trabalho, já que os filhos estão indo morar, estudar e trabalhar na cidade. Com isto, a força de trabalho está indo embora, restando muito trabalho para o homem e a mulher, o que os leva a se sentirem enfraquecidos. Em função disto muitas famílias têm vendido ou largado suas terras e vão morar na cidade.

Já a realidade *da pequena propriedade* atualmente tem sobrevivido mais nas formas de pequenas chácaras na zona urbana. A mulher ainda tem procurado plantar sua roça no fundo do quintal. Aqui também, os pais estão cada vez mais sozinhos já que os filhos estão indo para outros estados à procura de melhores oportunidades de trabalho e estudo. Desta forma, percebe-se que os antigos produtores, da fazenda, da posse e da pequena propriedade estão em sua maioria morando na cidade.

Verificou-se nesta nova realidade que as famílias da posse e da pequena propriedade que estão na cidade, vivem em outras condições com seu grupo familiar, onde geralmente as mulheres é que tem sustentado a família. Elas em sua maioria têm procurado emprego em casas de família, fazem trabalhos artesanais como doces, biscoitos, bolsas, bordados e cozinham em fazendas, e costuram para fora, por terem mais oportunidade de trabalho. Por outro lado, o homem geralmente tem ficado desempregado ou vive de bicos, já que quase não há empregos como lavrador ou boiadeiro nas fazendas. Assim também se verificou que as famílias que vieram do contexto da fazenda estão em melhores condições de vida do que os demais. Muitos deles ocupam cargos políticos, são funcionários públicos, tem pequenos comércios e etc. Nesta realidade tanto homens como as mulheres ocupam os melhores empregos no município.

Assim as relações de gênero estão sendo afetadas: o homem que sempre trabalhou e procurou manter a mulher dentro de casa não tem conseguido manter esse padrão. Isto por que, em sua maioria, as mulheres estão trabalhando fora e mantendo a casa, enquanto o homem tem ficado desempregado por muito tempo. Por fim a mulher hoje é vista como a emancipadora, ou seja, aquela que conseguiu romper com a ordem cultural saiu desse espaço doméstico para o trabalho fora de casa, mas não o deixou inteiramente, já que em geral elas quando chegam do trabalho têm que organizar a sua casa.

Considerações finais

As transformações históricas vividas pela comunidade e as mudanças sofridas pela família ao longo do tempo são fatos marcantes na memória dessa comunidade. Os dados investigados mostram que a comunidade de São João D'aliança já foi constituída por um modo de vida tipicamente rural. A comunidade sofreu com a perda das suas terras, atualmente ela está restrita a área urbana, mas ainda se identifica como lavradora e resguarda os seus hábitos tradicionais em seu dia-a-dia. No modo de vida tradicional temos a existência de realidades diferentes em função da condição social de cada grupo. Assim temos a realidade da fazenda um grupo familiar identificado como *Forte*, por dispor de um espaço significativo, força de trabalho e muita produção. Já a realidade da posse, tem muita terra sendo a família que assegura a força do trabalho, mas o grupo é considerado *Fraco* por ter pouco recurso para manter as atividades produtivas. E a realidade da pequena propriedade um grupo familiar que tem um espaço e força de trabalho tremendamente reduzido, o que faz com que seja entendido como grupo *Muito Fraco*.

Percebeu-se que os instrumentos de trabalho resguardam as lembranças da existência de uma atividade que legitimava uma identidade e forma de saberes próprios.

Verificou-se que as transformações ambientais trouxeram mudanças significativas para a vida desta comunidade. Problemas como a perda do espaço produtivo, uso abusivo de fertilizantes e agrotóxicos, o desmatamento, o desemprego, a falta de produção de cultivo de cultura variada e etc. Estes problemas têm afetado a comunidade em seu cotidiano, já que muitos recursos alimentares estão escasseando ou desaparecendo. Verificou-se também que os papéis sociais de homens e mulheres seguem um modelo constituído no interior dos grupos familiares tidos como ideal. Nesse, o homem é responsável por governar o mundo de fora (ambiente da produção da roça e criação do gado) e a mulher o mundo de dentro (organização da casa). Mas este ideal é modificado em cada realidade mediante as condições de sobrevivência de cada grupo familiar. Na atualidade percebeu-se que as mudanças que passou a comunidade subverteram a ordem dos papéis sociais de homens e mulheres. O modelo ideal permanece presente, mas tem dificuldades de se realizar já que quem tem maiores oportunidades de emprego é a mulher e por isto ela tem que sair de casa. Já o homem não consegue trabalho, por isso juntam-se nos botecos com outros para beber, cantar e jogar cartas. Dessa forma, a comunidade apesar de viver em um novo contexto busca viver por um padrão ideal do passado. Por fim, verificou-se que a comunidade se sente mais pobre e decadente.

Atualmente percebe-se que os programas de políticas públicas têm oferecido cursos de capacitação e formação para sensibilizar e capacitar mulheres trabalhadoras rurais como uma forma de tentar promover a igualdade de gênero. A situação de desigualdade vivida por muitas mulheres no Brasil é reconhecida, mas observa-se é que no caso da realidade do contexto rural, as políticas públicas e os estudos na perspectiva gênero precisam envolver a família, como forma de entender e tentar melhorar suas condições de vida local.

Referências Bibliográficas

BERTRAN, Paulo. *História da terra e do homem no Planalto Central*. 1998. Disponível em <www.paulobertran.com/bertran/história.php-11k>. Acessado em 10/02/2007.

DUFUMIER, Marc. A solução é a Agroecologia. In *Boletim do NEAD*, nº 329, de 26/03/2007 a 01/04/2007.

HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

IBGE. *Censo Demográfico 2000*. Disponível em <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2000/Dados_do_Universo/Municipios/>. Acessado em 04/11/2006.

_____. *IBGE Cidades@*. 2005. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/Topwindow.htm?1>>. Acessado em 08/04/2007.

CHALUB-MARTINS, Leila. Projeto Mulheres das Águas: Uma experiência de luta pela conservação da vida no cerrado. In *Revista do Premio Ambiental Von Martius*, São Paulo-Alemanha, v.01, 2005a, p. 10-25.

_____. *De conto em conto... História da vida no Cerrado: da oralidade à escrita*. Brasília: UnB, 2005b.

_____. Memória e Meio Ambiente: a experiência com as mulheres das Águas. In *Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade – ANPPAS*. Indaiatuba-São Paulo: ANPPAS, 2002.

ORTNER, Sherry B. Está a Mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SUERTEGARAY, Dirce Maria A. Agronegócio e a desertificação no Brasil. In *Ciência Hoje*. v.36, n 211, dez. 2004, p. 50-53.

WOORTMANN, Ellen F.; WOORTMANN, Klaas. *O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília: UnB, 1997.